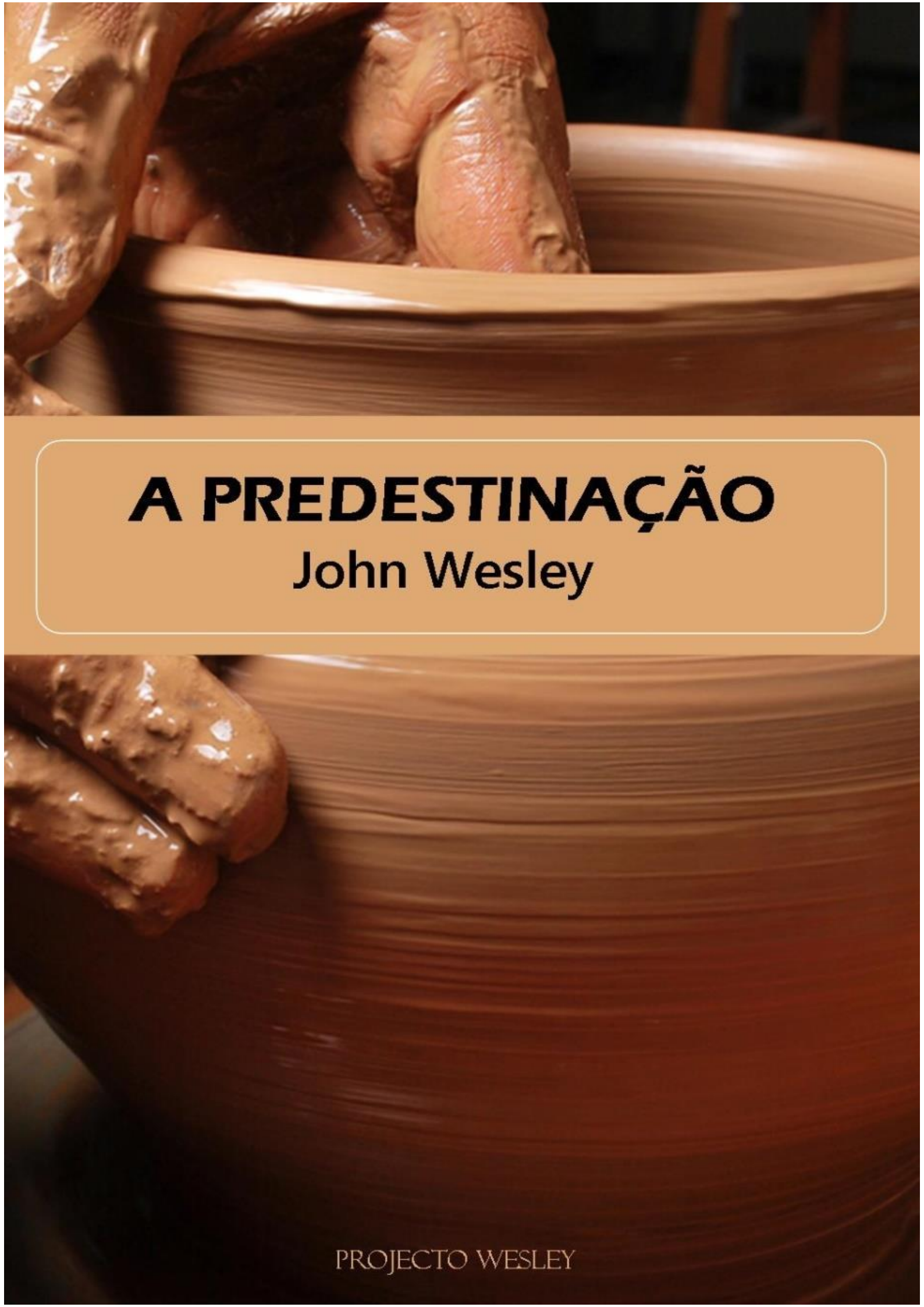




A PREDESTINAÇÃO

John Wesley

PROJECTO WESLEY

A PREDESTINAÇÃO

Autor: John Wesley

Sermão nº58.

Tradução: Paulo César Antunes (Arminianismo.com)

Edição: Projecto Wesley

Capa e Diagramação: PROJECTO WESLEY

[Editado por Dave Giles e George Lyons no
Northwest Nazarene College (Nampa, ID), para a
Wesley Center for Applied Theology.]

A PREDESTINAÇÃO

John Wesley

“Porque os que dantes conheceu,
também os predestinou para
serem conformes à imagem de seu
Filho, a fim de que ele seja o
primogênito entre muitos irmãos;
e aos que predestinou, a estes
também chamou; e aos que
chamou, a estes também
justificou; e aos que justificou, a
estes também glorificou”.

Romanos 8:29,30

INTRODUÇÃO

“Nosso amado irmão Paulo”, diz Pedro, “de acordo com a sabedoria que é dada a ele, tem escrito a vocês; assim também em todas as suas Epístolas, falando nelas dessas coisas; nas quais estão algumas coisas difíceis de serem entendidas, e que eles que são incultos ou inseguros interpretam mal, como fazem também com as outras Escrituras, para a própria destruição deles”. (II Pedro 3:15, 16).

Em meio a essas coisas faladas por Paulo, que são difíceis de serem entendidas, não é improvável que o Apóstolo Pedro situasse o que ele fala sobre este assunto no oitavo e nono capítulos de sua Epístolas aos Romanos. É certo que não apenas o inculto, mas muitos da maioria dos homens letrados do mundo, e não apenas o 'inseguro', mas muitos que pareceram bem alicerçados nas verdades do Evangelho, têm, por diversos séculos, “interpretado mal” essas passagens “para a própria destruição deles”.

Nós podemos aceitar que elas sejam “difíceis de serem entendidas”, quando consideramos quanto os homens de um entendimento melhor, aperfeiçoado por todas as vantagens da educação, têm continuamente diferido no julgamento

concernente a elas. E da própria consideração, de que existe tão ampla diferença, sobre o assunto, entre os homens de um maior aprendizado, consciência, e piedade; o que alguém poderia imaginar fosse fazer com que todos falassem sobre o assunto, com excessiva cautela e reserva. Mas eu não sei como, justamente o contrário é observado em toda parte do mundo cristão. Nenhum escritor sobre a terra parece mais experiente que esses que escrevem sobre este assunto difícil. Mais do que isto, os mesmos homens que, escrevendo sobre qualquer outro assunto, são notavelmente modestos e humildes, com respeito a este, colocam de lado toda a dúvida sobre si mesmo, e falam de uma cátedra infalível.

Isto é particularmente observável, em quase todos aqueles que afirmam as leis absolutas de Deus. Mas certamente é possível evitar isto: o que quer que seja que propomos, pode ser proposto com moderação, e com deferência àqueles homens bons e sábios que são de opinião contrária; e o preferível, porque tanto tem sido dito já, em todas as partes da questão; tanto volumes têm sido escritos, que é raramente possível afirmar algo que não foi falado antes. Tudo que eu puder oferecer no momento, não aos amantes da contenda, mas aos homens de piedade e simplicidade, são algumas poucas dicas,

que, talvez, possa lançar alguma luz no texto acima citado.

Quanto mais freqüentemente e cuidadosamente, eu tenho considerado isto, mais eu estou inclinado a pensar que o Apóstolo não está descrevendo aqui (como muitos têm suposto), uma série de causas e efeitos; (isto não parece ter entrado no seu coração); mas simplesmente mostrar o método como Deus opera; a ordem na qual os diversos ramos da salvação constantemente seguem um ao outro. E isto, eu compreendo, irá trazer esclarecimentos a algum inquiridor sério e imparcial, examinando a obra de Deus, de um lado ao outro; do começo ao fim, ou do fim ao começo.

A PRESCIÊNCIA DE DEUS

Em Primeiro Lugar, vamos olhar adiante em toda a obra de Deus, na salvação do homem; considerando-a, do começo, o primeiro ponto, até terminar na glória. O Primeiro passo é a presciência de Deus. Deus "pré-viu" aqueles em todas as nações; aqueles que iriam crer, desde o começo do mundo até a consumação de todas as coisas. Mas, com o objetivo de lançar uma luz sobre esta questão obscura, dever-se-ia observar que, quando nós falamos da presciência de Deus, nós não falamos de acordo com a natureza das coisas, mas segundo a maneira de homens. Porque, se nós falarmos propriamente, não existe tal coisa como presciência, ou pós-ciência em Deus. Todo o tempo, ou preferivelmente, toda a eternidade (para os filhos dos homens), é o momento presente para Ele; Ele não conhece uma coisa em um ponto de vista, mas do eterno para o eterno. Como todo o tempo, com tudo que existe nele, é o momento presente para Ele, então, Ele vê, de imediato, o que quer que foi ou será até o fim dos tempos.

Mas observe: Nós não devemos pensar que eles existem, porque Ele os conhece. Não: Ele os conhece, porque eles existem. Justamente como (se é permitido a alguém comparar as coisas de homens com as coisas profundas de Deus) eu sei que o sol brilha: Ainda assim, o sol não brilha,

porque eu o conheço, mas eu sei disto, porque ele brilha. Meu conhecimento supõe que o sol brilhe. Mas de maneira alguma, causa isto. De igual maneira, Deus sabe que aquele homem peca; porque ele conhece todas as coisas: Ainda assim, nós não pecamos porque ele sabe disto, mas ele sabe disto, porque nós pecamos; e seu conhecimento supõe nosso pecado; mas, de maneira alguma, é a sua causa. Em uma palavra, Deus, olhando para todas as épocas, da criação à consumação, como sendo um momento, e vendo, de imediato, o que está nos corações de todos os filhos dos homens, sabe cada um que crê e que não crê, em todas as eras e nações. Ainda assim, o que ele sabe, quer seja fé ou descrença, não é, de forma alguma, causada por seu conhecimento. Os homens são livres para crerem ou não, como se Ele não soubesse disto, afinal.

De fato, se o homem não fosse livre, ele não seria responsável, quer pelos seus pensamentos, palavras ou ações. Se ele não fosse livre, ele não seria capaz, quer da recompensa ou punição; ele seria incapaz da virtude ou do vício; de ser tanto moralmente bom quanto mal. Se ele não tivesse mais liberdade que o sol, a lua, ou as estrelas, ele não seria mais responsável do que eles. Na suposição de que ele não teria mais liberdade do que eles, as pedras da terra seriam tão capazes da recompensa, ou sujeitas à punição quanto o homem: Um

seria tão responsável quanto o outro. Ainda assim, seria tanto um absurdo afirmar a virtude ou o vício dele, quanto afirmar isto à um tronco de árvore.

Mas, prosseguindo: “Aquele que Ele conheceu com antecipação, é quem Ele predestinou ser conforme a imagem de seu Filho”. Este é o Segundo passo (para falar, segundo a maneira dos homens: Porque, em efeito, não existe antes ou depois em Deus): Em outras palavras, Deus decreta, da eternidade para a eternidade, para que todos os que crêem no Filho de seu amor sejam conforme a sua imagem; sejam salvo de todo pecado interior e exterior, na santidade interior e exterior. Assim sendo, é fato claro e inegável que todos os que verdadeiramente crêem no nome do Filho de Deus 'recebem' agora 'a finalidade de sua fé, a salvação de suas almas'; e isto na virtude do imutável, irreversível e irresistível decreto de Deus, - “O que crê deverá ser salvo”; “O que nao crê, deverá ser condenado”.

O CHAMADO DE DEUS, A JUSTIFICAÇÃO E A GLORIFICAÇÃO.

“Aos quepredestinou, a estes, Ele também chamou”. Este é o Terceiro passo (ainda lembrando que falamos, segundo a maneira de homens). Vamos expressar isto um pouco mais largamente: De acordo com o Seu decreto fixo, de que os que crêem deverão ser salvos, estes a quem Ele previu, como tal, Ele chamou exteriormente e interiormente, - exteriormente, através da palavra de Sua graça; e interiormente, através do Seu Espírito. Esta aplicação interior de Sua palavra no coração parece ser o que alguns denominam de 'chamado eficaz'. E ele implica, o chamado dos filhos de Deus; a aceitação deles “no Amado”; a justificação deles “livremente pela sua graça, através da redenção que está em Jesus Cristo”.

“Aos que chamou, a eles Ele justificou”. Este é o Quarto passo. Geralmente se permite que a palavra, 'justificado', seja compreendida em seu sentido específico; o que significa que Ele os tornou justos ou retos. Ele executou seu decreto, ajustando-os “à imagem de seu Filho”; ou, como falamos usualmente, os santificou.

“Aos que justificou, Ele também glorificou”. Este é o Último passo. Tendo feito deles “parceiros na herança dos

santos na luz”, Ele deu a eles “o reino que lhes foi preparado, antes da criação do mundo”. Este é o mandamento, em que “de acordo com a deliberação de Sua vontade”, o plano que Ele estabeleceu da eternidade, Ele salva aqueles a quem ele pré-conheceu; os verdadeiros crentes, em todos os lugares e gerações.

A mesma grande obra de salvação pela fé, de acordo com a presciência e decreto de Deus, pode aparecer, sob uma luz ainda mais clara, se nós a virmos de trás para frente, do fim para o começo.

Suponha, então, que você esteja com “a grande multidão que nenhum homem pode contar, de toda a nação, e língua, e família, e pessoas”; que “louvam ao que está sentado no trono, e junto ao Cordeiro, para sempre e sempre”, você não encontraria um entre eles todos que tivessem entrado na glória, que não fosse testemunha daquela grande verdade, “Sem santidade, homem algum verá ao Senhor”; ninguém daquela companhia incomensurável foi santificado, antes que tivesse sido glorificado. Através da santidade, ele foi preparado para a glória; de acordo com a vontade invariável do Senhor, aquela coroa, adquirida, por meio do sangue de seu Filho, poderá ser dada a ninguém, a não ser àqueles que são nascidos de novo, através de seu Espírito. Ele se torna “o autor da salvação eterna”,

apenas “**para aqueles que lhe obedecem**”; e obedecem a Ele, interior e exteriormente; que são santos no coração, e santos em todos os seus modos de vida.

E, se você pudesse dar uma olhada naqueles que estão agora justificados, você não encontraria um deles que tenha sido santificado, até que tivesse sido chamado. Ele primeiro foi chamado, não apenas com um chamado externo, através da palavra e dos mensageiros de Deus, mas, igualmente, com um chamado interior, através de Seu Espírito, aplicando Sua palavra, capacitando-o a crer no Unigênito Filho de Deus, e testemunhando com seu espírito que ele é um filho de Deus. E foi, através deste mesmo meio que eles todos foram santificados. Foi, através da consciência do amor de Deus, espalhado em seu coração, que cada um deles foi capacitado a amar a Deus. Amando a Deus, ele amou seu próximo, como a si mesmo; e tem o poder de caminhar em todos os seus mandamentos, imaculado. Esta é a regra que admite nenhuma exceção. Deus chama um pecador, por sua iniciativa, ou seja, o justifica, antes de santificar. E, por meio disto, a consciência de Seu favor, Ele opera nele aquela gratidão e afeição de filho, do qual brota todo temperamento bom, e palavra e obra.

E quem são eles que são assim chamados por Deus, a não ser aqueles que

Ele antes destinou, ou decretou, “a serem conforme a imagem de seu Filho?”. Este decreto (ainda falando, segundo a maneira dos homens) precede todo o chamado dos homens. Cada crente foi destinado, antes que ele tivesse sido chamado. Porque Deus não chama alguém, a não ser “de acordo com a deliberação de Sua vontade”; de acordo o plano de acção que Ele estabeleceu antes da fundação do mundo.

Uma vez mais: Já que todos que são chamados foram destinados, então, todos a quem Deus tem destinado, Ele pré-conheceu. Ele conheceu; Ele os viu como crentes, e como tais, os destinou à salvação, de acordo com seu decreto eterno, “Quem crer será salvo”.

Assim, nós vemos todo o processo da obra de Deus, do fim ao começo. Quem está glorificado? Ninguém, a não ser aqueles que foram antes santificados. Quem está santificado? Ninguém, a não ser quem foi antes justificado. Quem está justificado? Ninguém, a não ser aqueles que foram primeiro destinados. Quem está destinado? Ninguém, a não ser aqueles a quem Deus pré-conheceu como crentes. Assim, o propósito e palavra de Deus se mantêm inabaláveis, como os pilares dos céus: - “Quem crer será salvo; e quem não crer será condenado”. E, assim, Deus está limpo do sangue de todos os

homens; uma vez que, quem quer que pereça, perece por seus próprios atos e façanhas. “Eles não virão comigo”, diz o Salvador de homens; e “não existe salvação em nenhum outro”...E não existe outro caminho; quer para a salvação presente ou eterna. Portanto, o sangue deles está sobre suas próprias cabeças; e Deus ainda está “justificado em dizer” que ele “deseja que todos os homens sejam salvos, e venham ao conhecimento de Sua verdade”.

CONCLUSÃO!

A soma de tudo isto é: o Altíssimo, Todo sábio, Deus, vê e conhece, da eternidade para a eternidade, tudo que é, foi e será, através de um eterno agora. Com Ele nada é passado ou futuro, mas todas as coisas igualmente presentes. Ele tem, portanto, se falarmos, de acordo com a verdade das coisas, nenhuma presciência; nenhuma pós-ciência. Isto seria nada consistente com as palavras do Apóstolo, “Com Ele, não existe inconstância ou sombra de desvio”; e com o relato que Ele dá de Si mesmo, através do Profeta, “Eu, o Senhor, não mudo”. Ainda assim, quando Ele nos fala, sabendo onde fomos feitos; sabendo a insuficiência de nosso entendimento, Ele se permite descer até a nossa capacidade, e fala de Si mesmo, segundo a maneira de homens. Assim, em condescendência à nossa fraqueza, Ele fala de seu propósito, deliberação, plano, presciência. Não que Deus tenha alguma necessidade de recomendar, de propor, ou de planejar Sua obra antecipadamente. Que esteja muito longe de nós imputarmos isto ao Altíssimo; mensurá-lo por nós mesmos! É meramente em compaixão a nós que Ele fala assim, de si mesmo; como prevendo as coisas no céu ou terra, e como as predestinando ou pré-ordenando. Mas nós podemos imaginar possível que essas expressões devam ser tomadas literalmente? Para alguém que fosse tão

grosseiro em suas concepções, Ele não poderia dizer: “Pensas que eu sou tal como tu és? Não, mesmo! Assim como os céus são mais excelentes que a terra, então meus caminhos são mais excelentes que os teus. Eu conheço, decreto, trabalho, de tal maneira, como se não fosse possível a ti compreender: mas para dar a ti algum conhecimento tênue, e luzente dos meus caminhos, eu uso a linguagem dos homens, e me ajusto à tua compreensão neste teu estado pueril de existência”.

O que é isto, então, que nós aprendemos de todo este relato? Trata-se disto e não mais: (1) Deus conhece todos os que crêem; (2) deseja que eles sejam salvos do pecado; (3) com esta finalidade, justificá-los, (4) santificá-los e (5) conduzi-los até a glória.

Ó, que os homens possam louvar ao Senhor por esta sua bondade; e que eles possam estar contentes com este claro relato disto, e não se esforcem para atacarem aqueles mistérios que são tão profundos, até mesmo para os anjos sondarem!

SOBRE O AUTOR

John Wesley nasceu em 1703, durante o reinado da boa rainha Anne. Sua infância foi dirigida por sua mãe, uma mulher rígida e piedosa e seu pai, um homem difícil de agradar. Sua mãe acreditava que os desejos das crianças deviam ser subjugados, que eles deveriam ser açoitados quando não se comportassem e que deviam chorar baixinho depois de açoitados. John era o décimo quarto filho. Ele teria morrido num incêndio em Epworth Rectory se não tivesse sido arrancado das chamas por um vizinho que subiu nos ombros de outro vizinho. Ele tinha sete anos então, e depois disso, sua mãe o lembrou várias vezes que ele era –um tição colhido do fogo. Ela sentia – e mais tarde ele veio a sentir – que ele tinha sido poupado por um propósito, servir a Deus.

Samuel, o pai de John, era um erudito, que por muitos anos trabalhou numa obra monumental sobre o livro de Jó. Um pregador severo, para não dizer implacável, uma vez exigiu que uma adúltera andasse nas ruas em sua vergonha e ele forçou o casamento de uma de suas filhas depois que ela tentou fugir com um homem que não era o escolhido de seu pai. Com seu pai e sua mãe, John Wesley desenvolveu excelentes hábitos de estudo e também se acostumou com sofrimento físico.

John Wesley foi para Charterhouse School em 1714, para Christ Church College, Oxford, em 1720, e em 1726 foi eleito membro na Lincoln College, Oxford. Depois de aceitar uma posição de pastor auxiliar em Wroote, Lincolnshire, de 1727 a 1729, ele voltou à Oxford não apenas para continuar seus estudos, mas também começar a viver a vida santa. Muitos outros jovens brilhantes tinham um curriculum como o de Wesley, mas poucos tinham a sua dedicação. Ele dominava pelo menos sete idiomas e desenvolveu

uma visão verdadeiramente abrangente em todas as áreas da investigação. Sua mente nunca encerrou a busca pelo resto de sua vida. Quando ele voltou de Wroote para Oxford, ele assumiu a liderança de um grupo chamado Holy Club (Clube Santo), iniciado por seu irmão Charles. Aqui, eles buscavam reforçar a fé através do estudo das Escrituras e medindo a qualidade da santidade da vida de cada membro.

O Holy Club fazia mais que pensar e orar. Eles foram às prisões levar salvação aos prisioneiros. Embora eles fossem ridicularizados por seus companheiros de Oxford, de seu grupo de baixa posição saíram homens que se tornaram importantes para aquele tempo, particularmente os irmãos Wesley e George Whitefield. O seu regime exigia jejuns periódicos, encontros regulares para estudo e auto-exame. Somente muito tempo depois foi que John Wesley percebeu que eles seguiam mais a letra do que o espírito do cristianismo.

Em 1735 grandes mudanças atingiram John e Charles Wesley. O seu pai morreu e ambos foram com o governador Ogilthorpe para a colônia Georgia com a bênção e encorajamento de sua mãe. A Georgia foi uma prova para John, que logrou que realmente não gostava dos índios e que sua rigidez não era muito apreciada pelas pessoas da Georgia. Mas importante que isto, foi o contato de John com uma pequena banda de morávios na viagem para a colônia. Estes homens e mulheres destemidamente cantavam hinos durante terríveis tempestades no mar, enquanto ele se desesperava. Ele queria conhecer a fé que eles pareciam ter. Em 1737 ele retornou à Inglaterra.

Devemos dar a John Wesley o crédito, pois ele podia ser crítico o bastante consigo mesmo para parar naquele momento e saber que ele era um ministro experiente para examinar sua falta

de fé. Peter Boehler, um morávio, deu-lhe a chave – pregar a fé até que ele a tivesse, e então ele pregava a fé. Então aconteceu que John Wesley habitou na fé até 24 de maio, uma quarta-feira, em 1738, no famoso encontro de Aldersgate, ele teve uma conversão, uma profunda e inconfundível experiência de fé. Seu –coração foi estranhamente aquecido. Então seu verdadeiro trabalho começou.

Como tinha uma mente livre, John Wesley ainda conseguia retirar os melhores recursos das melhores mentes do seu tempo. William Law, por exemplo, foi seu professor, amigo e mentor por vários anos; mas Wesley achou que um ingrediente importante estava faltando no programa de Law para uma vida devota. Os seguidores de Platão conseguiram comunicar a Wesley uma estrutura intelectual que era mais espiritual do que material, mas os hábitos mentais de Wesley estavam moldados tanto pelo modelo de análise de Newton do que pelo platonismo. Os morávios eram o mais perto de uma síntese de todos os elementos que ele desejava e pôde encontrar. Ele até mesmo visitou Herrnhut para saber como sua comunidade trabalhava. Mas algo estava faltando lá, como em todo lugar, e em 1740, ele e seus seguidores romperam com os morávios, mas não antes que ele tivesse aprendido a pregar sermões ao ar livre, o que veio a ser uma parte essencial de seu programa mais tarde.

John Wesley tinha 37 anos de idade quando começou a viajar e pregar. Ele freqüentemente exagerava o número daqueles que vinham ouvi-lo. Muitas vezes, as mesmas pessoas que precisaram de sua ajuda eram as mesmas que mais o perseguiam. Ele pregava em púlpitos até que eles fossem fechados para ele, e ele então pregava nos campos abertos. Ele pregava três vezes por dia, começando às 5 da manhã, uma vez que os trabalhadores poderiam parar para ouvi-lo

enquanto andavam para o seu trabalho monótono.

Algumas vezes ele andava 60 milhas (90 quilômetros) por dia a cavalo. As condições do tempo não importavam; ele fazia seu horário e o cumpria, não importavam as dificuldades. Ele fugia de uma multidão zangada pulando num lago gelado, nadava para fora dele e continuava a pregar novamente. Ele tinha a habilidade de trazer as pessoas hostis para o seu lado.

Ele foi para Gales do Sul em 1741, para o norte da Inglaterra em 1742, Irlanda em 1747, e Escócia em 1751. No total, ele foi à Irlanda quarenta e duas vezes e à Escócia vinte e duas vezes. Ele retornou às cidades vezes e mais vezes. Houve ocasiões em que ele retornava anos depois de sua última visita e registrava que a pequena sociedade que ele ajudara ainda estava intacta e fiel. Ele examinava cada membro de cada sociedade pessoalmente para buscar crescimento espiritual e de fé. As sociedades então formadas proviam a organização local para seu movimento. Durante 53 anos de um ministério incansável, Wesley chamou a si mesmo de "homem de um livro só" — a Bíblia. Ele escreveu, todavia, mais de 200 livros, editou uma revista, compilou dicionários em quatro línguas — tudo escrito a mão. Ele percorreu a Inglaterra a cavalo, num total de 250.000 milhas. Durante anos, fez uma média de 20 milhas diárias e muitas vezes andava 50 a 60 e até mais milhas por dia, parando para pregar ao longo do caminho. Ele pregou 40.000 sermões — raramente menos que dois por dia e às vezes sete, oito ou até mais.

O que Wesley pregava? Frugalidade, limpeza, honestidade, salvação, boas relações familiares, dúzias de outros temas, mas acima de tudo, a fé em Cristo. Ele não pedia aos seus ouvintes para deixarem suas igrejas, mas para continuarem indo nelas. Ele lhes deu o refrigério

espiritual que eles não achavam fora do círculo. Quando suas décadas de provação produziram décadas de triunfo, as multidões aumentaram. Ricos e pobres vinham para ouvi-lo falar. Ele desenvolveu redes de assistentes leigos. Suas exortações para viver perfeitamente em amor hoje parecem duras, mas considere os efeitos em suas congregações. Os xingamentos nas fábricas pararam, os homens e as mulheres começaram a se preocupar com vestimentas limpas e simples, extravagâncias como chá caro e vícios como o gim foram deixados por seus seguidores, vizinhos deram um ao outro ajuda mútua através das sociedades.

Wesley ensinou tanto pelo exemplo como pelos seus sermões tão medidos. Suas despesas anuais já foram mencionadas. Ele publicou muitos volumes para serem usados em devocionais e direcionou o lucro para projetos, como um local de ajuda para os pobres. Sua vida pessoal estava além de reprovação. Ele traduziu hinos, interpretou as Escrituras, escreveu centenas de cartas, treinou centenas de homens e mulheres e manteve em seus diários um registro da energia dispensada, que dificilmente tem um rival na literatura ocidental. Sua maneira de falar na linguagem do homem comum teve um impacto imensurável no surgimento do inglês moderno, assim como os hinos de Charles Wesley tiveram um grande impacto na música com suas muitas canções sem mencionar a poesia da subsequente era Romântica.

Mas o impacto dos Wesleys nas classes mais baixas foi além de afetar seus hábitos de vida e modo de falar. John Wesley proveu uma estrutura religiosa que era local e pessoal, bem como energeticamente moral. Sua teologia não tirava a liberdade e o direito de ninguém, pois qualquer um podia achar a graça de Deus para resistir ao diabo e ser salvo, se tão somente buscasse e recebesse. As sociedades que ele

formou preservaram em seus estudos um foco de fé – uma fé que também levou a uma maneira de lidar com a realidade da vida das classes mais pobres. A religião não era só para os ricos, mas Wesley também não estava pregando uma revolta contra o anglicanismo – até muito tarde e então quase por um acidente histórico.

O anglicanismo de John Wesley era muito forte, embora os púlpitos anglicanos tornassem-se universalmente fechados a ele. Só quando tinha oitenta e um anos ele permitiu uma pequena divisão entre seus seguidores e a igreja nacional. Tendo mandado muitos homens à América, em 1784 ele ordenou mais pessoas para este esforço missionário e, porque –ordenação é separação, efetivamente começou uma nova igreja. O conservadorismo dele era tanto político como religioso. Ele publicou uma carta aberta às colônias americanas, aconselhando-as a permanecerem leais à Grã-Bretanha, logo antes da Revolução Americana. Ele não tolerava nenhuma conversa sobre agitação civil na Inglaterra.

Tem se discutido que outras forças estavam trabalhando na Inglaterra além de Wesley e uns outros poucos pregadores. Por exemplo, a Revolução Industrial que estava vindo progrediu mais rápido na Inglaterra do que em qualquer outro lugar, dando aos homens novos tipos de trabalho; a justiça do Sistema de Paz e o sistema de governo com um Primeiro-Ministro eram únicos na sua forma e deram muito mais poder do que era possível em qualquer outro lugar à classe média local e os grandes problemas, que poderiam, de outra forma, causar revolução, simplesmente não estavam presentes depois de 1750. Ainda assim, sem Wesley e seus seguidores, como poderia o ateísmo, tal como existia entre os camponeses franceses, ser evitado e como poderia uma classe inferior oprimida e dominada pelos vícios ter esperança?

John Wesley morreu em 2 de março de 1791, cerca de três anos depois que seu irmão Charles morreu. Até seus anos finais, ele fez a mesma frase de abertura em seu diário a cada ano no seu aniversário, agradecendo a Deus por sua longa vida e sua contínua boa saúde, afirmando que sermões pregados de manhã cedo e muita atividade ao ar livre o mantiveram em forma para a obra de Deus. Desde o momento em que ele tornou-se livre de influências, exceto a de Deus, ele teve cinquenta anos de serviço constante e fez um bem imensurável à Inglaterra através da perseverança, resistência e fé. Seu legado não se limitou ao seu século ou país, mas sobrevive até hoje na fé de milhões em uma variedade de igrejas.

A seguinte frase foi escrita em seu diário em 28 de junho de 1774:

Sendo hoje meu aniversário, o primeiro dia do septuagésimo segundo ano, eu estava pensando, Como pode ser isso, que eu ache a mesma força que tinha trinta anos atrás? Que a minha vista esteja consideravelmente melhor agora, e meus nervos mais firmes do que eram antes? Que eu não tenha nenhuma enfermidade da velhice, e não tenha mais aquelas que tive na juventude? A grande causa é, o bom prazer de Deus, que faz o que lhe agrada. Os meios principais são: meu constante levantar às quatro da madrugada, por cerca de cinquenta anos; o fato de geralmente pregar às cinco da manhã, um dos exercícios mais saudáveis do mundo; o fato de que nunca viajo menos, por mar ou terra, do que 4500 milhas (6.750 km) por ano.

Referências da Biografia:

- Christianity Today International – 2008
- Wesley Dwel - Em Chamas para Deus